



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
ISSN 2525-3441

DOI: 10.18764/2525-3441V9N25.2024.03

ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM RELATOS

SYSTEMIC-FUNCTIONAL ANALYSIS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN IN REPORTS

Arlete Ribeiro Nepomuceno

<https://orcid.org/0000-0001-6063-1603>

Vera Lúcia Viana de Paes

<https://orcid.org/0000-0002-7501-3514>

Maria Clara Gonçalves Ramos

<https://orcid.org/0000-0002-8204-5987>

Resumo: Neste artigo, analisa-se como cada escolha dos processos semânticos se articulam na construção de representação de mulheres em situação de violência doméstica em relatos com fotos. De cunho qualitativo-interpretativista, os dados são extraídos de relatos comprovados por fotos de entrevistadas/informantes agredidas por (ex)companheiros, veiculados numa seção on-line especial de reportagens da Revista Veja, em 2020. Depreende-se o complexo de significados a partir das contribuições da Semiótica Social (Halliday; Hassan, 1989[1985]; Halliday (1985); Halliday; Matthiessen, 2014[2004], cujo foco é a Linguística Sistêmico-Funcional, entrecortada pela Gramática Sistêmico-Funcional, segundo Halliday e Matthiessen (2014[2004]), com ênfase no nível extralinguístico hallidayiano (contextos de cultura e situação, destacando as variáveis de registro campo, relação e modo). Ademais, seleciona-se a metafunção ideacional, realizada no sistema de transitividade, que representa as pessoas agindo no mundo e sobre os outros, analisando as experiências vivenciadas. Conclui-se, a partir dos contextos de situação e cultura, espelhados pela metafunção ideacional, que há uma persistência da cultura patriarcal, perpetuando a desigualdade de gênero e a violência, estereótipos lesivos enraizados na cultura, entre outros. Esse fato realça a necessidade de oportunizar ao corpo social a reflexão e o questionamento sobre o tema, bem como a importância da interpretação das relações interpessoais.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Relatos. Sociossemiótica.

Abstract: In this article, we analyze how each choice of semantic processes is articulated in the construction of the representation of women in situations of domestic violence in reports with photos. Of a qualitative-interpretative nature, the data are extracted from reports proven by photos of interviewees/informants attacked by (ex)partners, published in a special online section of reports from Revista Veja, in 2020. The complex of meanings to be inferred based on the contributions of Social Semiotics (Halliday; Hassan, 1989[1985]; Halliday (1985); Halliday; Matthiessen, 2014[2004], whose focus is Systemic-Functional Linguistics, interspersed with Systemic-Functional Grammar, according to Halliday and Matthiessen (2014[2004]), with an emphasis on the Hallidayian extralinguistic level (culture and situation contexts, highlighting the field, relationship and mode register variables). Furthermore, the ideational metafunction is selected, carried out in the transitivity system, which represents the variables). people acting in the world and on others, analyzing lived experiences. It is concluded, based on the contexts of situation and culture, mirrored by the ideational metafunction, that there is a persistence of patriarchal culture, perpetuating gender inequality and violence, stereotypes harmful effects rooted in culture, among others. This fact highlights the need to provide the social body with opportunities to reflect and question the topic, as well as the importance of interpreting interpersonal relationships.

Keywords: Violence against women. Report. Sociosemiotics.



INTRODUÇÃO

A língua(gem), manifestada multissemiticamente, é um sistema complexo de signos, utilizados na construção e negociação de significados e ideologias dentro de um contexto social específico. Nessa ótica, semioses atuam na projeção de identidades, conceitos, valores, por exemplo, quando mobilizadas na concretude linguística, o que faz do arranjo semiótico um espaço de possibilidades quanto a (re)construções de sentido, como em relatos sobre a violência contra a mulher, nos quais se presentificaram momentos de horror e de brutalidade por que elas passaram, num cenário perverso de violência e de humilhação.

Nesse cenário, considera-se texto como um campo de materialização e de re(construção) dos significados e da interação numa visão sociossemiótica, em que há complexos semânticos, com escolhas léxico-gramaticais impactantes, no qual informantes/entrevistadas dão voz a tantas outras silenciadas no Brasil, em tom de denúncia de desigualdades sociais geradas por relações de poder. Nessa direção, os relatos das informantes/ entrevistadas podem levar pessoas à conscientização da necessidade de lutar contra estereótipos.

Por esse viés, este artigo centra-se na análise sociossemiótica, respaldada pela Semiótica Social, de falas reportadas de informantes/entrevistadas em relatos que denunciam situações de violência contra a mulher, em especial no contexto de relacionamentos heterossexuais, em uma reportagem especial da Revista Veja, para analisar, via sistema de transitividade, como se constroem e se representam significados sociais, na consideração da materialização das experiências vividas por elas. Melhor dizendo, busca-se analisar como cada escolha dos processos semânticos se articulam na construção de representação dessas mulheres em situação de violência doméstica.

Este trabalho se justifica pelo compromisso social de buscar desmistificar crimes contra a dignidade feminina, denunciando marginalizações quanto à identidade de mulheres quando colocadas em contraste com o patriarcalismo, responsável por naturalizar relações hierárquicas. Explica-se a escolha dos relatos com fotos das informantes/ entrevistadas pelo poder de influência deles em realçar uma problemática sociocultural recorrente, pois, conforme dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, houve aumento de 63%, em 2024, dos atendimentos a mulheres vítimas de violência.

Para mais, justifica-se como multimodos linguísticos possuem um potencial sígnico expressivo, parcial e plástico, analisando cada concretude linguística,

responsáveis por revelar como as escolhas léxico-gramaticais adotadas pelas informantes/ entrevistadas contribuem para a interpretação das perversidades por que passaram.

No plano teórico-metodológico, ancora-se na Semiótica Social, para qual manifestações linguísticas não podem se desassociar de matizes socioculturais, destacando a Linguística Sistêmico-Funcional, expressa na Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]), segundo a qual textos são um retrato de escolhas (léxico-gramática) e combinações (sistema de transitividade) feitas por mulheres em situação de violência que, movidas por interesses comunicativos, valem-se estrategicamente da língua(gem) para representar, interagir e estruturar textos. Para esta pesquisa qualitativo-interpretativista, selecionam-se relatos com fotos que enfatizam duas mulheres vítimas de violência de (ex)companheiros, publicados na Revista Veja (edição on-line), em 19/2/2020, em seção intitulada “Dez vítimas por dia”.

A análise sociossemiótica neste trabalho dialoga com o nível extralinguístico hallidayiano, perpassando pelos contextos de cultura e situação (constituído pelas variáveis de registro campo, relação e modo) em sistemas oracionais, cujo intuito é mostrar, semioticamente, o que há por trás de discursos. Soma-se a isso a metafunção ideacional da linguagem, com destaque a processos, participantes e circunstâncias, na intenção de analisar como são representadas ações que refletem a violência de (ex)parceiros contra mulheres no contexto representado nos relatos.

Além dessa introdução, este artigo organiza-se em três seções. Na primeira seção, discute-se a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]), a partir das categorias de análise do nível extralinguístico hallidayiano (contextos de cultura e de situação) e do nível linguístico (metafunção ideacional: processos, participantes e circunstâncias). Na segunda, apresentam-se a constituição do corpus e os procedimentos metodológicos. Na terceira, discute-se e analisa-se o corpus. Por fim, apresentam-se as conclusões.

GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A linguagem, firmada na Semiótica Social, materializa-se por um arranjo sociossemiótico multipropositivo, para a qual os textos são representações do

mundo concreto. Interpessoalmente, a língua(gem), com foco na interação comunicativa, hipotetiza a importância de multimodos linguísticos como artifícios dos quais as pessoas se valem para materializar as situações por que passam, representando experiências, por um desdobramento de eventos e de realidades sociais, como a violência contra a mulher, pois a língua potencializa a construção de significados por quem a usa (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]).

À luz disso, como ciência probabilística, parte da Semiótica Social, a Linguística Sistêmico- Funcional atém-se aos significados que são a todo momento (re)construídos, em que o mundo é representado pela língua(gem), por meio da qual as pessoas experienciam eventos, interagem com eles e estruturam textos. Isso porque, nos termos de Matthiessen *et al.* (2010), a Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, é uma teoria capaz de analisar todo e qualquer evento comunicativo pelas categorias léxico-gramaticais, convalidando outros sistemas semióticos, a exemplo do sistema de expressão (gestos, falas etc.). Por essa razão, a LSF correlaciona-se aos contextos de situação, por se tratar de um arranjo teórico-metodológico multi- e transdisciplinar, motivo pelo qual, no contexto de violência contra a mulher, por exemplo, é possível descrever, discutir e analisar em que medida escolhas léxico-gramaticais orientam intencionalidades semântico-contextuais.

Isso posto, na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) segundo Halliday e Matthiessen, 2014[2004]), os gêneros textuais só exercem uma função social porque se instanciam em uma dada cultura, manipulando diferentes níveis de conexão com a sociedade e as multiproposições linguísticas desempenhadas no texto, fato que prova a importância de sobrelevar o que subjaz à forma. Sendo a língua uma das manifestações da cultura e identidade de um povo, a GSF preocupa-se com o significado, a função que a linguagem exerce de forma contextualizada, situada no presente.

A conexão entre artefatos semióticos na GSF e questões contextuais é prova de que, embora verse mais sobre o viés linguístico do texto, também é social, corroborando a sociosemiótica. Portanto, a GSF rejeita a linguagem como sendo unicamente uma estrutura rígida imposta aos falantes, pois não se comunicam por constituintes frasais estanques e imparciais, mas sim por textos plurais e multipositivos. Dessa maneira, há um intercâmbio indissociável entre forma e função, dado que prova a não possibilidade de se reduzir experiências que são construídas na interação com o outro por um sistema

semiótico padronizado e regido por normas que não representam, efetivamente, a língua em uso.

Segundo Fuzer e Cabral (2014), a GSF é:

e Cabral (2014), a GSF é:

[...] sistêmica porque vê a língua como uma rede de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e grafológicas. É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos (Fuzer; Cabral, 2014, p. 19).

A abordagem sociofuncional da GSF considera texto uma dimensão de significado multifacetado, reconfigurado e interconectado com recursos semióticos, a exemplo do gênero sob análise, que denuncia a violência pela linguagem verbo-visual, criticando questões atinentes a esferas sociais.

A língua(gem), pois, é o próprio lugar da interação, segundo Halliday e Matthiessen, 2014[2004]), numa rede sistêmica que, a cada vez acionada, é (re)construída, dinamizando ainda mais as possibilidades sígnicas que a comunicação permite. Assim, a GSF enfatiza a importância semântico-pragmática na construção de significados mobilizados em dois níveis: (extra)linguístico. O nível linguístico é constituído pelos planos de conteúdo (o sentido do texto, o que ele significa, relacionando léxico e estrutura sintática) e o de expressão (abarca o sistema de sons, gestos, escrita etc.).

No segmento *extralinguístico*, (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]) defendem que os falantes, ao assumirem o papel de agentes, valem-se da língua de forma pensada e articulada, moldados pelas nuances circunstanciais que interferem nas interações sociais estabelecidas entre texto e concretude linguística, subdividido em *contextos de cultura e situação*. Quanto ao *contexto de cultura*, caracteriza-se por maior estabilidade, por ser mais amplo, somando os significados que são construídos e moldados por fatores históricos, sociais, econômicos, políticos, externando ideologias, crenças, valores, por exemplo, que moldam a identidade do falante e, dessa forma, do texto. Na cultura, portanto, gêneros textuais são institucionalizados e convertidos em eventos de interação.

O *contexto de situação*, por outro lado, diferente do *contexto de cultura*, é mais instável devido à maleabilidade ainda maior das situações discursivas, fazendo

parte de um cenário imediato, restrito, num contexto menor, específico e particular, inter-relacionado pelas variáveis de registro campo, relação e modo. O *campo* refere-se ao assunto, ao que move a interação discursiva, mostrando como o indivíduo se posiciona no mundo. A *relação* são os vínculos sociais estabelecidos entre os participantes da cena enunciativa, evidenciando relações hierárquicas ou simétricas de poder, além de explicitar se são relações próximas, distantes etc. Já o *modo* esmiúça os recursos semióticos dos quais os falantes lançam mão para se projetarem no mundo, mostrando como o texto é arquitetado, construído, o que interfere substancialmente nas informações compartilhadas, considerando os complexos semânticos, entre eles, o tipo de linguagem utilizada, grau de (in)formalidade etc.

Sendo a língua(gem) entendida pela logicidade das próprias funções, Halliday e Matthiessen (2014[2004]) associam as variáveis de registro discutidas no *contexto de situação* às *metafunções ideacional (campo)*, *interpessoal (relação)* e *textual (modo)*, sendo a ligação entre elas indissociável para o entendimento de estratégias discursivas com que nos deparamos cotidianamente, sobretudo numa era de textos midiáticos.

6

METAFUNÇÃO IDEACIONAL: TIPOS ORACIONAIS COMO REPRESENTAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

A identidade das pessoas em sociedade é (re)construída pelas vivências a que são condicionadas a todo momento, instituindo experiências que podem ser boas, ruins, felizes, tristes, sendo, para a GSF, representadas pela prototipicidade linguística. Isso significa que, como já discutido, Halliday e Matthiessen (2014[2004]) ultrapassam os limites da tradição gramatical e passam a conceber a oração como forma de representação de realidades vivenciadas individual e coletivamente. Realizada no *sistema de transitividade* e articulada à variável *campo*, na *metafunção ideacional*, os constituintes oracionais não são concebidos como elementos sintáticos, mas sim na posição de uma análise sociosemiótica que é, na (re)construção de sentidos, pluri- e metafuncional. A oração como representação é o desdobramento de ações no mundo material e no plano da consciência, marcando participantes que agem sobre o mundo e as pessoas com diferentes intenções.

Isso corrobora a importância da análise semântico-contextual de verbos (processos) acionais: materiais, mentais e relacionais (primários), além de verbais, comportamentais e existenciais (secundários), cuja identificação é relativa por depender do contexto em que o tipo da oração foi utilizado, não podendo categorizar de forma pronta e acabada o sentido.

Cumpramos ressaltar que, para Halliday e Matthiessen (2014[2004]), não há uma relação hierárquica entre os tipos de oração, uma vez que, na verdade, os processos sobreditos são intercambiáveis, havendo uma continuidade entre uma oração e outra. Na GSF, as orações são formadas por *participantes* (grupos nominais), *processos* (grupos verbais) e *circunstâncias* (grupos adverbiais de tempo, modo, lugar, causa, finalidade, companhia etc.), categorias léxico-gramaticais e semânticas das experiências sociais na estrutura linguística.

Os *processos materiais* configuram orações do fazer e acontecer, responsáveis por estabelecer mudanças parciais ou não no desenrolar das experiências contextualmente criadas. Nesse caso, há um *Ator* (quem realiza a ação expressa pelo verbo (*processo*)) que provoca uma alteração na pessoa ou ser antropomorfizado com que interage, em alguma medida, com essa ação (*Meta*), afetando-a em maior ou menor grau. Além disso, nos processos materiais, existem os participantes *Ator* e *Escopo-entidade* e *Escopo-processo*. No *Escopo-entidade*, o participante não é atingido pelo processo, sendo o lugar em que o processo acontece. No que diz respeito ao *Escopo-processo*, não se menciona a explicação dele por não ser contemplado neste artigo.

Já nos *processos relacionais*, em contrapartida, há uma ligação estabelecida entre participantes, com a função de representar um participante em diálogo com características e identidades, o que cria e descreve pessoas e cenários, em narrativas, além de estruturar conceitos (Fuzer; Cabral, 2014). As relações ajudam a perceber o impacto, por exemplo, do patriarcalismo na formação da identidade feminina e do modo como mulheres são descaracterizadas.

Os *processos relacionais* podem ser classificados como *atributivos* e *identificativos*, nos quais os participantes são categorizados com sentidos diferentes. No *processo relacional atributivo*, trata-se da atribuição de características (*Atributo*) a um determinado participante (*Portador*), subdivididos em atributivos: (i) intensivos: diferenciam as pessoas; geralmente com o verbos *ser*, *estar*, *permanecer*, *virar*, *tornar-se* etc., nos quais o *Atributo* não pode ser um nome próprio nem um pronome (ii) possessivos: estabelecem uma relação

de posse; geralmente com os verbos ter, possuir, envolver pertencer, em que o *Identificador* pode ser um nome próprio e um pronome (iii) circunstanciais: atribuem circunstâncias com grupos adverbiais de tempo, modo, lugar, causa, tempo). Quanto ao *processo relacional identificativo*, há a identificação de alguém (*Identificador*) e quem apresenta essa identidade (*Identificado*), sobre os quais não falamos por fugir ao escopo deste estudo empreendido.

Nesse contexto, por meio desses processos, a *metafunção ideacional* permite a representação de agressões ocorridas no contexto social brasileiro que, embora sejam reais, possam ser ressignificadas no mundo e na consciência pela deslegitimação de relações patriarcais de dominação, revelando uma sociedade que pode ser transformada.

Assim, analisam-se, no contexto dos relatos de experiências das informantes/entrevistadas, com fotos ressemiotizadas para o sistema de transitividade, a escolha de palavras, complexos oracionais, expressões faciais e corporais, falas etc., revelando uma organização sociossemiótica do texto, no desvelamento de posições assumidas por elas, em relação às violências por que passaram, buscando dialogar com o leitor.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os meios midiáticos, pelas plataformas digitais, como jornais e revistas, podem exercer um papel crucial na conscientização e no combate à violência contra a mulher, por terem o poder de educar, sensibilizar e mobilizar a sociedade. Ao destacar casos de violência, oferecer informações precisas sobre direitos, fornecer apoio e recursos às vítimas e desafiar estereótipos de gêneros, os meios de comunicação podem propiciar uma reflexão sobre a gravidade do problema de agressões contra a mulher.

A Revista *Veja* popularizou-se por tratar de temas de interesse global, com publicações semanais que envolvem a sociedade, como questões políticas, econômicas, culturais, sociais, comercializando informações e, ao mesmo tempo, buscando levar os leitores, em menor ou maior grau, à tomada de ações pela formação de opinião. Dessa forma, a escolha dos recortes de relatos com fotos em uma reportagem e da revista justifica-se pela reportagem ser uma ferramenta de denúncia social e a Revista *Veja* por ser uma mídia de massa, que pode gerar maior visibilidade à denúncia social.

Manejando o corpo teórico-conceitual da GSF, subsidiado na Semiótica Social, o estudo empreendido, de cunho qualitativo-interpretativo, seleciona, como *corpus*, numa reportagem da Revista Veja on-line, numa edição especial intitulada “Dez vítimas por dia”, o recorte de dois relatos com fotos de mulheres que denunciam violência contra mulheres, no contexto de relacionamentos heterossexuais, o que, conseqüentemente, marginaliza e pode ceifar a vida delas, se se considerar o machismo e as punições brandas contra os agentes agressores.

Para a realização deste artigo, a análise foi dividida em dois momentos; o primeiro foi dedicado à coleta e à seleção do objeto de análise, com a escolha das ferramentas que possibilitam representar padrões culturais de experiências, nos quais as vítimas de agressões pudessem retratar a realidade por que passam, no mundo interno e externo. A segunda parte se concentrou na análise qualitativo-interpretativista das configurações semiótico-linguísticas das representações da mulher, nas falas reportadas das entrevistadas, via sistema de transitividade.

Nessa direção, na relação entre inserção teórica e percurso metodológico, as ferramentas analíticas selecionadas diante do amplo espectro de opções da teoria *hallidayana*, para a análise das falas reportadas comprovadas por fotos das vítimas de violência, foram:

o nível extralinguístico *hallidayano*, como foco no:

(a) *contexto de cultura*, marcado por significados culturais, revelador de desigualdades sociais geradas por relações de poder entre (ex)companheiros e mulheres, na família, religião, postos de trabalho, por meio das quais se normalizaram a violência, no qual analisamos ideologias, atitudes, comportamentos, valores arraigados e perpetuados na sociedade brasileira, que, muito embora possam ser transformados, ainda são partilhados nos grupos sociais;

(b) *contexto de situação*, o contexto particular e específico das falas reportadas, nas quais as situações de uso da linguagem se efetivam, resgatando as variáveis: *campo* - o assunto das falas reportadas, explicitando as experiências (ações de violências, de espancamentos, de agressões psicológicas) pelas quais as participante/entrevistadas passaram, conferidas por processos (materiais, relacionais, por exemplo); *relação* - as relações de dominação estabelecidas com (ex)companheiros, no resgate de relações de poder constituídas social e

culturalmente entre ambos, com vistas a repensar agressões sofridas, mas que podem ser descristalizadas; e *modo* - a forma como a Revista Veja projeta a narrativa da violência doméstica na sociedade, demonstrando a não invisibilidade dela como meio de divulgação de mazelas sociais, não mais como crimes passionais, e, sim, como aberrações inaceitáveis, na apresentação de recursos sígnicos articulados (a exemplo de falas e fotos das vítimas).

os relatos contidos em reportagem como instrumento de denúncia social;

o nível linguístico (sistema de conteúdo), que se realiza pela léxico-gramática, para cumprir a intencionalidade dos relatos das vítimas, analisando, por exemplo, palavras, orações (processos, os participantes e as circunstâncias), via complexo semântico formado pelo sistema de transitividade, assim como sistema de expressão (gestos, expressões faciais e corporais das participantes (entrevistadas));

Em linhas gerais, nos relatos em foco, discutem-se e analisam-se, do ponto de vista sistêmico-funcional, as orações do período simples, as quais realçam impactos da brutalidade masculina. Nessas orações, observam-se os papéis semânticos desempenhados no *sistema de transitividade da metafunção ideacional*, inseridos nos contextos de situação, que são (re)construídos a partir do texto, representando características em termos do *campo*, *relação* e *modo* (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]). Tal representatividade espelha o contexto de cultura da violência, construído no processo histórico-social.

No expediente metodológico, as variáveis sociossemióticas do contexto de situação são ferramentas analíticas, nas quais se podem identificar aspectos da construção da violência a partir de dados dos relatos, relações de poder que subjagam as vítimas pela força, bem com a construção do sistema semântico-semiótico da linguagem que reflete os contextos.

Após essas considerações, apresenta-se uma análise, nos relatos selecionados, como forma de consubstanciar a teoria na prática social contextualizada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1: Relato de Silvana Maria Gomes



11

Fonte: Revista Veja on-line. Dez vítimas por dia. Edição nº 2674. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/as-vitimas-do-femicidio-um-crime-que-cresce-a-ritmo-preocupante/>. Acesso em: 30 jul. de 2023.

No *contexto de cultura* da sociedade brasileira, observa-se que a violência contra a mulher é caracterizada por avanços e retrocessos. Se, por um lado, promulgam-se leis mais robustas para combater a violência de gênero, criminalizando o assédio sexual, a violência doméstica e formas outras de abuso; por outro lado, há uma persistência de normas culturais patriarcais, que perpetuam a desigualdade de gênero e a violência, como crenças sobre a superioridade masculina e a submissão feminina, que podem legitimar o controle e a agressão masculina, reforçando papéis de gênero estereotipados. Muitas

vezes, os agressores não são responsabilizados pelos atos devido a lacunas na legislação. As normas culturais que enaltecem a masculinidade agressiva e desvalorizam as mulheres podem validar mais casos de violência.

Na consideração do modo como a representação dos participantes se interpõe na sociedade brasileira, como a relação entre eles se constrói e como o relato se organiza na malha textual, no *contexto de situação*, entrecortado pela variável *campo*, presentifica-se a representação da realidade de uma mulher vítima de agressões do ex-marido que, devido ao término do casamento, a persegue, privando-a de liberdade e segurança, por ainda enxergá-la como posse, marca herdada, na formação da identidade histórico-ocidental, do sistema patriarcal, o que vai de encontro à premissa do senso comum de que um dos papéis sociais da figura masculina é o de proteger a mulher.

À luz disso, a variável *relação* é estabelecida na subserviência da mulher, já que ela sente medo e angústia do que ele poderia tentar contra a integridade dela, tornando visíveis relações hegemônicas de poder sexistas e misóginas, quando ela, movida pela incerteza da própria vida, consegue da justiça uma medida protetiva. Na foto apresentam-se a profundidade e gravidade da violência sofrida na relação tóxica, na qual ela, tímida e envergonhada, aparece sentada, numa postura corporal mais retraída, com pernas e braços cruzados, com os olhos (mais fechados do que abertos, com esparadrapo) inchados e o rosto dilacerado, irreconhecível e escondido pelas marcas das agressões, com lacerações das facadas no rosto.

No entanto, apesar do alvará judiciário quanto ao distanciamento dele em relação a ela, ainda é violentada, como se observa na imagem que pode ser ressemiotizada para o sistema de transitividade, conforme aponta o sistema semiótico híbrido, com insultos verbais, violência psicológica, agressões físicas (socos, pontapés e, deliberadamente, facadas), dado que evidencia o *modo* como a relação é materializada multi- e sociossemioticamente. Nessa direção, o participante agressor subverte o papel dele de homem e de ser humano por não cuidar nem proteger, e, sim, maltratar, destruir a autoestima e a vida dela.

Ideacionalmente, na paisagem semiótica dos papéis semânticos no sistema de transitividade, em linhas gerais, evidenciam-se repetidas escolhas verbais, grupos nominais e adverbiais que visam à demarcação do comportamento patriarcal masculino. Nesse contexto, na oração “Ele exigiu ver meu *WhatsApp*” representa, semanticamente, ao deixar o *participante Ator* explícito “Ele”, a

responsabilização do crime de violência contra a mulher, marcando, nas práticas sociais, o quanto homens costumam ser os principais agentes de relacionamentos abusivos, fato que comprova, no contexto do *corpus* sob análise, a sobreposição do agressor.

Na oração, o *processo material* “exigiu”, no qual o conceito de ação é subjacente, na esteira semântico-pragmática, evidencia uma ação impositiva, histórica, arrogante, hostil, obrigatória do agressor, provando como as escolhas léxico-gramaticais ressaltam ideologias, comportamentos, crenças de superioridade e poder sobre a mulher, cuja característica, entre tantas outras, é a carência de polidez, e, sim, rispidez no agir e no falar. O *participante Meta* “WhatsApp”, na oração “Ele exigiu ver meu WhatsApp”, confirma a invasão de privacidade da ex-companheira, desrespeitando-a e privando-a do direito à liberdade, em que ela deixa de ser protagonista, dona de decisões da própria vida.

No desdobramento das agressões, Silvana relata que o ex-marido é abusivo e controlador, levando o leitor a perceber que os níveis de violência tendem a evoluir de agressão psicológica à física, conforme destaca esta oração: “[...] começou a me golpear com uma faca”. Nessa abordagem semiótica, o grupo verbal “começou a me golpear” instancia um *processo material*, por externar, semanticamente, a noção do fazer e acontecer, por indicar uma ação que provoca mudanças na pessoa atingida pelos golpes de faca (Silvana), sendo *participante Meta*. No relato, Silvana relata a frieza dele contra ela, agindo de forma pensada, calculista, sem remorso e sem receio das penalidades a que se sujeitaria por agredi-la violentamente.

Passando em revista a teoria contemplada, é relevante ressaltar que, embora no eixo paradigmático o grupo verbal sobredito possua um marcador de tempo, sugerindo que tentativas de feminicídio constem como atos vis de um passado acabado, o contexto de violência se transpõe do passado ao presente no ato de a vítima precisar buscar alternativas judiciais. Nessa perspectiva, no processo material “começou a golpear”, sinaliza tão somente o início do terror, do ciclo de violência pelo qual ela passou, evidenciando que tantos outros poderão surgir, caso ela não fique atenta aos sinais desse participante Ator (agressor).

Retomando a teoria *hallidayiana*, para submetê-la aos maus tratos, o *participante Ator*, na situação perversa relatada, lança mão da *circunstância de instrumento* “com a faca” e da *quantidade* de golpes (17 facadas). Esse contexto degradante e de martírio é prova cabal de que, por se sentir superior à ex-mulher,

o *participante Ator* age sem pudor, com requintes de crueldade, com uma atitude brutal que realça monstruosidade, agindo, inclusive, com muita frieza ao lavar as mãos na pia da cozinha, após desferir golpes justamente contra o rosto dela.

Ainda no desdobrar *léxico-gramatical* dos papéis no *sistema de transitividade*, evidencia-se o *processo material*, em que o *participante Ator* elíptico “eu”, em “gritei por socorro”, codifica um processo em que a ação dela (Silvana) está alterada, por meio do qual a vítima tenta, num contexto de situação de estresse, angústia e desespero, encontrar ajuda de alguém que pudesse tirá-la das agressões a que foi submetida, semanticamente, traduzindo sentimentos de medo, desespero, aflição, todos provocados por um único desejo: sobrevivência. Outrossim, existe a possibilidade de existir uma metáfora na não explicitude do *participante Ator*, sendo perceptível pelo marcador de tempo e de pessoa, como uma metáfora ao crime de violência contra a mulher, no sentido de ofuscar, silenciar, deslegitimar a identidade dela, na posição de alguém que tenha voz (“Eu gritei”), tenha credibilidade e, portanto, autonomia, e não subserviência.

Ainda na base oracional da organização semântica das experiências vividas por Silvana, em “Gritei por socorro”, há a *circunstância* marcada pelo *grupo adverbial de causa* “por socorro”, construindo um relato não apenas de denúncia, mas também de clamor, gri-tan-do: “Não aguentamos mais!”, descortinando a ineficiência e inoperância da segurança pública, teoricamente garantida por órgãos competentes, a exemplo do serviço policial, e uma crítica à flexibilização de leis que advogam em favor da assistência feminina. Esse grito, endereçado à sociedade, aos órgãos de segurança pública, a alguém que pudesse ajudá-la: *participantes Meta*.

Dessa forma, o Relato 1 escancara o quanto os agressores não se sentem ameaçados pelas consequências penais e civis advindas de violências contra a mulher, pois são movidos, considerando o aumento constante e vertiginoso de feminicídio nas práticas sociais, pela descrença da efetividade legislativa, judiciária e executiva. Muito embora exista a tipificação penal do feminicídio como uma nova forma de homicídio qualificado, ela é relativamente recente e ineficiente.

Ciente dessa impunidade, *metafuncionalmente*, nos termos de Halliday e Matthiessen (2014[2004]), a fala reportada de Silvana “Eu me fingi de morta” sinaliza o desespero dela, por meio da qual “eu”, *participante Ator*, indica uma ação direcionada ao *participante Meta* (ela mesma), pelo uso do dêitico “me”,

quando percebeu que o brutamontes arrancaria o coração dela. Assim, a *circunstância* de modo “de morta” representa, na *léxico-gramática*, uma esperança encontrada por Silvana para continuar viver, visto que o processo material dessa oração ressalta uma certeza: o agressor pretendia matá-la a qualquer custo, pois, somente ao se comportar como morta, ele cessou as agressões.

Dando prosseguimento à análise dos relatos com as fotos, a oração “[...] chutou minha cara ensanguentada” indica o *participante Ator* que pratica a brutalidade, evidenciando a frieza dele diante da mulher machucada. Nesse contexto, o *processo é material*, pois o *participante Ator*, com base nos relatos, chuta o rosto do *participante Meta*. Em função dessas perversidades, o *participante Meta*, quase sempre afeada por um comportamento brutal dele, refere-se ao participante Ator por dêiticos, o que evidencia o desprezo dela por ele.

Outrossim, o *grupo nominal* “minha cara ensanguentada”, que figura como o *participante Meta* no *processo material* “chutar”, salienta o modo como se encontrava o rosto da vítima, veiculando ainda mais o conceito de que ele não se compadecia da situação por que ela passava, indicando indiferença, já que, embora estivesse ensanguentada, não foi suficiente para que ele diminuísse as agressões. Nesse sentido, traduzindo o contexto do complexo semântico: “minha cara” é *Portador*, “ensanguentada”, *Atributo* e “estava”, *processo relacional atributivo*, pois indica o *estado transitório* do rosto dela, podendo ser ressignificado, caso alguém escute pelos gritos de socorro e ajude a ela a sair daquela situação tenebrosa.

Na paisagem semiótica da tríade metafuncional do *sistema de transitividade*, observa-se, ainda, o complexo oracional “para verificar se havia completado o serviço”, no qual existe uma *circunstância de realce (propósito)*, o que revela o interesse de ele conhecer a situação provocada por ele, sinalizando que o anseio do *participante Ator* era matá-la, pois, contextualmente, ele chutou-a para ter a certeza do ato criminoso a que ela foi submetida.

Na esteira de Halliday e Matthiessen (2014[2004]), nas duas últimas orações desse relato dramático “Mas 50 m é pouco: ele monitorava minha vida”, há, nos papéis de transitividade, na primeira oração, os *participantes Portador e Atributo* e o *processo relacional atributivo circunstancial*; na segunda oração, há os *participantes Ator e escopo-entidade* (responsável por construir o cenário no qual a ação de monitoramento se desenvolve) e o *processo material*.

Na narrativa, Silvana, com o propósito de demarcar, *circunstancialmente*, a situação em que vive, sugere ao leitor o entendimento da insatisfação dela diante da dura realidade de tortura enfrentada, e relaciona, abstratamente, o *participante Portador* “50 m” ao *Atributo circunstancial de grau* “pouco” (Halliday; Matthiessen, 2024[2004]). Tal insatisfação justifica-se porque ela tem a certeza de que medidas protetivas não dão conta de frear a violência contra a mulher; afinal, o participante Ator nunca dava tréguas à tortura.

Outrossim, nesse triste relato, a mulher vitimizada recria, na materialidade linguística, a ação do ex-companheiro, na qual Ele, *participante Ator* explícito, marcado por “Ele”, um criminoso, culpado, ainda tinha a audácia da ação tóxica de vigilância, de monitoramento da vida dela, como se sempre pudesse recategorizar a identidade da ex-mulher numa posição identitária de antagonista, cuja construção identitária é de subjugamento, sem poder de decisões sobre a própria privacidade, em “ele monitorava a minha vida”.

Cumprе ressaltar que, embora algumas circunstâncias não estejam explícitas nas semioses verbais, deve-se considerar que todos os processos, na materialização de eventos que formam experiências no mundo e com o outro, são condicionadas circunstancialmente. Nessa medida, a circunstância no contexto do complexo semântico evoca, nas entrelinhas, que o criminoso agia de forma incansável, por indicar o modo como ele agia: incessantemente e monitorando, já que nenhuma medida protetiva de segurança foi capaz de detê-lo.

Na sequência, passa-se à análise e discussão dos resultados do segundo relato.

Figura 2: Relato Elaine Caparroz



.7

Fonte: Revista Veja on-line. Dez vítimas por dia. Edição nº 2674. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/as-vitimas-do-feminicidio-um-crime-que-cresce-a-ritmo-preocupante/>. Acesso em: 30 jul. de 2023.

No relato 2, a seção da reportagem voltada ao relato de Elaine Caparroz enquadra-se no mesmo *contexto de cultura* do relato analisado anteriormente, no qual se revela uma sociedade brasileira patriarcal, marcada pela força, pelo domínio cruel de uma parcela bastante considerável dos homens sobre as mulheres e pela dualidade entre a condição precária da mulher e o combate à violência doméstica.

No *contexto de situação*, o assunto do relato (*campo*), assim como no relato 1, reforça o jugo de violência contra a mulher, de modo que lhe dificulta exercer o pleno direito constitucional de ser livre e ocupar espaços que ultrapassam as regras do movimento misógino. Por essa via, percebe-se o pleno exercício de dominação do homem sobre a mulher (*relação*), como se fosse dono e decidisse, por exemplo, o que ela deve fazer, com quem pode estar, de que forma deve se portar etc. Essas mazelas são percebidas, no contexto da análise, pelas marcas linguísticas que estruturam a denúncia da vítima no relato, constituída por

multissemioses, com foco no sistema semiótico verbal, na observação das escolhas lexicais dela e como as orações são estruturadas e organizadas no texto (*modo*), estratégias que elucidam a intensidade do problema e que podem, assim, envolver psicologicamente os leitores do relato na revista.

Partindo da *metafunção ideacional*, a qual permite que as experiências humanas no mundo real e da consciência sejam expressas e representadas por orações, na oração “O resgate de mim mesma tem sido um longo caminho” indica, por um *processo relacional* (tem sido), a construção da identidade de uma mulher que se vê perdida, tentando se (re)conhecer, com dignidade, sentido construído pelo *participante Portador* “O resgate de mim mesma”. Já “um longo caminho” é o *Atributo* desse “resgate” dela mesma, sugerindo que, para voltar a se ver como mulher autônoma e corajosa, seria lento e dificultoso pelas marcas humilhantes sofridas, ainda não finalizadas, pois guarda-as nas lembranças do presente e do passado, rememorando os momentos de horror, com cicatrizes internas e externas.

O grupo verbal “tem sido”, no processo relacional, imprime que a busca pela própria identidade é gradual, constante, inacabada, o que indica que a superação de um cenário tão perverso e desumano, como a violência doméstica, não é fácil, pois marca a vida da vítima para sempre, cabendo a ela a tentativa de ressignificar, mesmo diante de incontáveis preconceitos que marginalizam e diminuem a dor da mulher quando é violentada por homens.

Na oração “Fui espancada e torturada por quatro horas dentro de casa por um homem que conheci no *Instagram*”, o *participante Ator* elíptico (Elaine) felizmente sobreviveu aos ataques e pôde relatar o ocorrido. Muitos casos ocorrem nas sombras, longe das manchetes, pois muitas mulheres são estigmatizadas e sentem vergonha de relatar os abusos, numa cultura de desigualdade de gênero. Muitas não denunciam por medo de retaliação, falta de apoio ou descrença de que a justiça será feita. Independente disso, a vítima pode sofrer violência, como no caso de Elaine, em que o homem se revela um agressor sem qualquer motivação aparente.

No contexto da oração sob análise, há o *processo material*, pois, nas “estruturas passivas” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 52), “espancada” e “torturada” instanciam verbos acionais, na forma finita, que se dirigem ao *participante Meta* elíptico “Eu” e provocam alterações: a *participante Meta*, vítima, é agredida por um homem,

participante Ator, aparentemente ainda novo na vida dela, identificado por “um homem que conheci no *Instagram*”.

A forma como o *participante Ator* está marcado, ainda que não dê a ele uma identidade, visa responsabilizar o agressor, mas apagando, demonstrando, na ideia de indefinição, a repulsa da *participante Meta* por ele, a quem quer remover, permanentemente, da vida dela. Adicionalmente, nesse contexto, pode-se inferir, ainda, que ela possa ter medo de possíveis ameaças, caso revelasse o nome do criminoso. Muitas mulheres enfrentam o medo da retaliação por parte do agressor pelo temor de sofrer ainda mais violência física, emocional ou sexual como represália pela denúncia. Outro fator que contribui para esse medo de retaliação é a falta de confiança no sistema de justiça. Elas temem que, mesmo que denunciem o abuso, o agressor possa não ser responsabilizado ou que a justiça não seja feita. Essa possibilidade se torna verdadeira em sociedades onde a violência doméstica é minimizada ou normalizada.

Essa experiência representada, que se desdobra numa oração arrolada no processo material, do agir que comunica a agressividade do violentador, o *participante Ator*, expressa atos de tortura e de espancamento, pela crueldade e frieza, na observância dos participípios do verbo espancar e torturar. Nessa lógica, a vítima, de forma estratégica, desloca da ordem direta o grupo adverbial “por quatro horas” (*circunstância de extensão (duração)*), nos termos de Halliday e Matthiessen 2014[2004]), para chocar uma vez mais o leitor, para se aproximar do leitor, levando-o a vivenciar com ela, metaforicamente, a dor que sentiu de ficar tanto tempo sendo machucada. Soma-se a essa circunstância mencionada, segundo Halliday e Matthiessen 2014[2004], a *circunstância de localização (lugar)* “dentro de casa”, onde deveria se sentir mais protegida. Em que pese isso, as atrocidades foram cometidas nesse ambiente familiar, lugar de maior incidência de violação dos direitos da mulher.

Na paisagem *léxico-gramatical* do excerto “As sequelas foram enormes no corpo e na mente”, o *participante Portador* “as sequelas” dialoga com a oração anterior quando se comporta como resultado da ação de ser espancada e torturada, marcas que dificilmente são apagadas da memória da pessoa agredida. Nesse viés, apesar de “as sequelas” serem o *participante Portador*, percebe-se que quem porta mesmo essa dor é Elaine, sendo *processo relacional intensivo atributivo* “foram”, marcador da relação entre *participante Portador* e *Atributo circunstancial* “enormes”.

Tal *Atributo circunstancial* qualifica as sequelas como um marcador linguístico, indicando que não foi qualquer sequela, mas, sim, uma marca assustadora, inacreditável e cruel, na intenção de deixar o leitor mais estarecido e comovido pelo ocorrido. Ao tocar o leitor no sentido metafórico, há uma chance mais expressiva de as pessoas passarem a repudiar com mais veemência a violência contra a mulher e buscar alternativas de combate, conscientizando-as.

De posse desse interesse dela e da Revista Veja, observa-se que grupo adverbial “no corpo e na mente” (*circunstância de localização*), posicionado na ordem direta, aparece com a intenção de prender a atenção do leitor e, com isso, despertar nele uma indignação contra esse desafio social. Isso porque, no cotidiano, principalmente em contextos informais ou quando se evita um diálogo mais rebuscado, as pessoas se comunicam e (re) constroem significados de textos com mais facilidade quando o nível léxico-gramatical é arrolado na ordem canônica do português brasileiro: sujeito e predicado.

A escolha na léxico-gramática por Elaine Caparroz desse item lexical “no corpo e na mente” visa denunciar múltiplas feridas que esse crime pode provocar no bem-estar da mulher, comprometendo o físico, com hematomas e mesmo fraturas mais expressivas, e a saúde mental, visto que contribui para o aumento de doenças psicossomáticas, como ansiedade e depressão. Afora isso, é inquestionável o fato de que, violentada, a mulher se sente inferior, desprotegida, com medo de ser presa e de outras violências, o que pode comprometer a autoestima dela, o desejo de alçar novos voos e buscar emancipação social.

No esteio da teoria funcionalista *hallidayiana*, por meio das orações “Eu tinha acabado de voltar de um intercâmbio na Austrália, estava abrindo um negócio e treinando todo dia em academia”, identificam-se diferentes estratégias de que Elaine Caparroz se vale para reafirmar o quanto foi desvantajoso envolver-se com o agressor. Na primeira, “eu tinha acabado de voltar de um intercâmbio na Austrália”, percebe-se que, diferente de quando ela trata das humilhações vivenciadas no dia em que foi violentada, sempre que se refere a conquistas pessoais, imprimindo o sujeito de forma explícita na fala.

Essa correspondência linguístico-semântico nos leva a entender, no curso das práticas sociossemióticas, que ela quer se colocar como protagonista da própria história, mostrando capacidade, qualificação e autoestima, que possuía antes de ser vítima de violência doméstica, mas que foi ofuscada, momentaneamente, depois de conhecer o autor do delito. Assim, em “eu tinha acabado de voltar de

um intercâmbio na Austrália”, assinalado pelo grupo verbal “tinha acabado de voltar”, indica um *processo material* de movimento, dado que sugere a identidade de uma mulher destemida, estudiosa, corajosa e, portanto, empoderada.

Nessa direção, “eu”, o *participante Ator*, “tinha acabado de voltar” é uma locução do *processo material*; “de um intercâmbio”, *participante Meta*; e “na Austrália”, *circunstância de lugar*. Culturalmente, sabe-se que a oportunidade de estudar no exterior não é acessível a maioria das pessoas, o que divide privilegiados e despossuídos, levando-nos a chegar à conclusão de que o participante Ator Elaine é uma mulher privilegiada, com poder aquisitivo considerável. A ideia de independência dela é reafirmada quando ela opta por dizer que ela tinha acabado de chegar: do exterior, *participante Meta*, com interesse de mostrar ao interlocutor que ela não era uma pessoa qualquer, mas instruída. Prova disso é pela circunstância de lugar da qual ela se vale “na Austrália” para enfatizar ainda mais o quanto é uma mulher bem preparada, formada por diferentes culturas e conhecedora de saberes plurais, o que confere a ela, em tese, o *status* de prestígio e reconhecimento na hierarquia social. Em face do exposto, percebe-se que Elaine busca escancarar ao leitor que, antes do homem aparecer na vida dela, estava com um direcionamento bem definido, com disposição, vontade de progredir, sentindo-se bonita e cuidando de si.

Já no complexo semântico formado pelo sistema de transitividade nas orações “estava abrindo um negócio e treinando todo dia em academia” identifica-se, pelas locuções dos grupos verbais, uma ideia de que ela estava em construção, progredindo aos poucos, motivo pelo qual usou os verbos acionais no gerúndio, com denotação de incompletude, informação que se liga à sentença anterior à medida que sugere uma noção de movimento. Semanticamente, a fala de Elaine mostra que ela estava se sentindo forte, importante, razão por que ela seria uma pessoa desejada, respeitada por qualquer homem.

Nesse sentido, na oração “estava abrindo um negócio”, o participante implícito no processo indica que Elaine, *participante Ator*, abria, *processo material*, um empreendimento (*participante Meta*), buscando realçar como ela estava com vontade e confiança em fazer com que os planos dessem certo. Essa ideia é reafirmada no complexo semântico “treinando todo dia em academia”, em que ela, *participante Ator*, na ressemiotização dos recursos sógnicos, está com espírito de motivação e boas expectativas, começa a treinar, cuidar do corpo e

da mente (*processo material*) fazendo exercício físico, sinal de uma mulher que dá prioridade a si mesma.

Ao afirmar que treina todos os dias (*circunstância de tempo*), mostra que realmente está focada e que vê, na atividade física, uma completude do estado do bem-estar, sobretudo quando realça que treina “em academia” (*circunstância de lugar*), espaço acessível a quem paga mensalidades, ou seja, percebe-se que ela prioriza financiar um serviço de qualidade, já que academias bem assistidas costumam ser privadas, embora existam centros esportivos públicos.

No entanto, a vida dela é transformada negativamente, ainda que por um tempo determinado, devido à brutalidade por que passou, agredida por um homem que, pelo contexto, era aparentemente inferior a ela, já que ela se refere a ele não indicando jamais o nome próprio dele. Na oração “O trauma de ser vítima de uma tentativa de feminicídio nos faz ter medo do estranho, de sair na rua”, ela induz o leitor a entender que o agressor interrompeu os planos pessoais e profissionais dela, servindo como sinal de alerta a outras mulheres para ficarem atentas, por exemplo, a relações abusivas, amores narcisistas. Na esteira semântica, o *processo é relacional* “faz”, sugerindo que, pelo “trauma de ser vítima de uma tentativa de feminicídio” (*participante Portador* é quem sente o trauma (Elaine e tantas outras)), mulheres sentem “medo do estranho, de sair na rua” (*Atributo*). Nessa direção, é esse sentimento de insegurança e medo que faz com que vítimas (ideia de coletividade percebida por ela ter usado o pronome “nos”) de violência doméstica, sobretudo de feminicídio, encontrem dificuldades e represálias psicológicas e físicas para seguir a vida e (re)construir a própria identidade.

Nas falas de Elaine, há uma sequência temporal, na qual se observam o antes e o depois da aparição do agressor na vida dela, enfatizando como ela, do dia para noite, saiu do papel de protagonista e viu-se em situação de vulnerabilidade diante do homem que conheceu. A intenção dela, dessa forma, é mostrar ao leitor como um relacionamento heteronormativo, que, quando não bem escolhido e analisado, pode prejudicar o curso da vida de uma mulher.

Apesar de sentir medo, essa participante também ressalta a importância social do relato dela, como se dissesse para si mesma, na ressemiotização contextual: “eu preciso ajudar quem é vítima desse absurdo a sair dessa condição”. Esse possível desejo de Elaine é identificado pela oração “Estimular a ter coragem de gritar por socorro”, em que Elaine (*participante Ator*) age, valendo-se da situação

por que ela passou, para encorajar outras mulheres vítimas de violência dos companheiros. Nesse viés, o verbo estimular (*processo material*) indica, semanticamente, que ela age (o fato de relatar a violência sofrida é uma atitude política de Elaine) para instruir outras mulheres. Na transposição dessa ideia, verifica-se esta oração: “Vocês precisam denunciar o agressor”.

À luz desse raciocínio, “vocês” (vítimas de violência) é o *participante Ator* a quem Elaine, nas entrelinhas, se refere, sendo a intenção dela mostrar a elas que precisam denunciar (*processo material*) o agressor (*participante Meta*), já que a intenção não é apenas relatar, mas também despertar, no leitor, uma avaliatividade do que aconteceu com ela, instigando posicionamentos.

Por tudo isso, tanto o relato 1 quanto o relato 2 reivindicam os direitos constitucionais adquiridos da mulher, sobrepujado pelo sistema patriarcal, descortinando os absurdos ainda enfrentados por mulheres em pleno século XXI, cenário no qual há falsa ideia de que a sociedade evoluiu. Contextualmente, as duas análises evidenciam que, apesar de existirem amparos legais à mulher, a funcionalidade não é efetiva, já que elas são prova, entre tantas outras, de que ainda há muito a se fazer por parte de órgãos competentes.

A recorrência expressiva de *processos materiais e relacionais* indica que a violência contra a mulher afeta a existência feminina no mundo, no sentido de dificultar ascensão social, empoderamento, liberdade para decidir sobre a própria vida, pois, quando age, é mais para buscar reverter esse cenário denunciando, gritando, pedindo ajuda, ao passo que as ações do agressor fazem com que as vítimas experienciem dor, sofrimento, humilhação.

Nessa linha de ideias, o *processo relacional* se articula no sentido de que, devido às experiências no mundo concreto e abstrato (violência física, psicológica etc), mulheres começam a ter as próprias identidades ofuscadas, como se fossem inferiores, subalternas, marginalizadas e objetificadas por um sistema perverso e excludente.

Por esse olhar, embora Silvana e Elaine se valham do que elas passaram, semanticamente, o conteúdo de Elaine possui um teor mais apelador e emancipador, buscando ajudar mulheres a se reerguer, diferente de Silvana que encerra o relato sem uma motivação para o leitor. Essas diferentes perspectivas podem ter relação com a posição social de cada uma hierarquicamente estabelecida na sociedade: Silvana é comerciante; Elaine, empresária, pois, se se pensar relações de poder, sabe-se que há estereótipos quanto a profissões,

haja vista as inúmeras comparações acerca da qualidade de vida que determinados trabalhos favorecem em detrimento de outras, que ainda são marginalizadas, sobretudo em termos financeiros.

Assim, ao considerarmos o contexto de cultura, constatamos que a normalização da violência contra a mulher, amparada pelas relações desiguais de poder entre homens e mulheres, é responsável pelo constante aumento nos casos de feminicídio no país. Por isso, a recente tipificação penal desse crime ainda não é capaz de impedi-lo completamente, devido a uma construção cultural e social tipicamente machista e patriarcal, na qual a mulher não possui voz.

Já no contexto de situação, os trechos da reportagem analisada revelam que, na atualidade, repensar como as relações de poder se estruturam se tornou muito importante. Logo, um texto jornalístico que abertamente discute o feminicídio, dando voz a relatos de mulheres, que em outras épocas suportariam esse tipo de violência sem efetuar uma denúncia, demonstra uma grande mudança social e cultural em andamento.

Quanto aos componentes verbais dos trechos analisados, à luz da metafunção ideacional, identificamos as escolhas linguísticas realizadas pelas falantes para representar e reconstruir o mundo em que vivem e o mundo da consciência. No corpus criado, cujas orações foram selecionadas de trechos de relatos de duas mulheres vítimas de violência, observamos que o processo relacional atributivo (tem sido), intensivo atributivo (é, sou) e possessivo (têm) prevalece, ocorrendo diferentes processos materiais, como, por exemplo, (monitorava), assim como seus participantes (respectivamente: Portador, Atributo Circunstancial; Portador, Atributo; Portador, Atributo; Possuidor, Possuído; Ator, Escopo-entidade) e circunstância de tempo. A escolha desses processos parte da necessidade das falantes de caracterizar processos internos, situações que elas estavam enfrentando e as cicatrizes externas e internas deixadas pela violência sofrida. A força das palavras escolhidas impacta o público leitor do texto jornalístico, e o objetivo é levá-lo a se identificar com as histórias dessas mulheres que dão voz a tantas outras silenciadas no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alicerçados em artefatos sociossemióticos diversos, a sociedade (re)significa o mundo e as pessoas, com posicionamentos marcados por crenças, valores,

culturas, princípios éticos e morais, por exemplo, que constituem identidades sociais funcionalmente motivadas por variáveis contextuais. Se a humanidade se reconstrói e instaura formas outras de percepção das coisas e dos acontecimentos, a língua(gem) também acompanha esse desnudamento, pois é viva e, portanto, está no aqui e no agora.

Nessa direção, respondendo ao objetivo deste trabalho, complexos semânticos são capazes de representar múltiplas manifestações de violências contra a mulher pelo sistema de transitividade *hallidayano*. Isso porque, com base em Halliday e Matthiessen (2014[2004]), a GSF não é um conjunto de regras, mas sim, uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados, sendo a língua um sistema de sentidos acompanhados por formas que realizam esses sentidos.

Nessa ótica, o complexo semântico *hallidayano*, via sistema de transitividade, representou experiências no mundo e divulgou posicionamentos acerca da violência contra a mulher nos recortes de relatos de mulheres em situação de violência, por um sistema semiótico diverso e multipropositivo. Nesse contexto, conclui-se a importância de relatos de reportagem veicularem situações de violência internas e externas sofridas por mulheres, dando visibilidade a essas mazelas sociais, o que pode influenciar, em menor ou maior grau, os julgamentos e os posicionamentos das pessoas, podendo contribuir para mudanças sociais, modos de enfrentamento desse problema.

No nível extralinguístico *hallidayano*, o contexto de cultura reforça uma chaga social antiga, marcada por uma linha do tempo que sempre subjugou a mulher, colocando-a em posição de inferioridade na hierarquia social, a qual reflete na sociedade do século XXI: raízes históricas, patriarcais, misóginas, responsáveis por silenciar mulheres. No contexto de situação, sobreleva-se a vivência das duas vítimas de violência doméstica, brutalmente espancadas por ex-companheiros, que interagem entre si numa esteira de subordinação apenas por serem mulheres, denúncias percebidas pelo modo estratégico como elas construíram o relato.

Metafuncionalmente, na metafunção ideacional, as vítimas relatam as experiências delas por processos materiais e relacionais, cujo intuito é levar o leitor à percepção de que o que elas passaram afetam não só a saúde mental e física, mas sobretudo o autoconhecimento, pois identidades são perdidas e, por vezes, ceifadas pelo sistema patriarcal, fazendo com que, muitas vezes, vítimas

não consigam sequer reconstruírem a própria história, por não enxergarem mais razão, motivação e esperança.

Nessa lógica, confirma-se o potencial multi e transdisciplinar da Semiótica Social, ciência que se presta à investigação de como paisagens semióticas representam os seres humanos agindo sobre o mundo e eles mesmos, (re)constroem identidades pela interação e organizam o que pensam por um feixe de escolhas léxico-gramaticais no texto, podendo manipular o outro, em diferentes níveis, acerca de violências contra a mulher.

É indispensável, por tudo isso, um redirecionamento não só sociocultural, mas também dos poderes executivo e judiciário na atuação contra crimes que ferem a proteção, a dignidade e, conseqüentemente, a liberdade e a identidade feminina, já que há parâmetro legislativo que ampara a mulher, como a Lei Maria da Penha. Percebe-se, nas práticas sociais, o poder de signos linguísticos na denúncia de relações de poder, como o machismo, numa rede de análise sistêmico-funcional que é ideologicamente marcada, pois realça posicionamentos, ainda que nas entrelinhas.

REFERÊNCIAS

- FUZER, Cristina; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989[1985].
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3th ed. London: Hodder Arnold, 2004.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday,s introduction to functional grammar*. 4th ed. London: Routledge, 2014.
- MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin *et.al*. *SAL – A sistêmica através das línguas*. Projeto de pesquisa. São Paulo:PUCSP, 2010.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 3th. London: Routledge, 2021 [1996].
- REVISTA VEJA *on-line*. *Dez vítimas por dia*. Edição nº 2674. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/as-vitimas-do-feminicidio-um-crime-que-cresce-a-ritmo-preocupante/> . Acesso em: 30 jul. de 2023.

Enviado em: 30 de maio de 2024
Aprovado em: 10 de junho de 2024